

# Senado gasta R\$ 244 mil em novos carpetes

Os senadores voltarão ao trabalho, dia 1º de agosto, pisando em novos 6,6 quilômetros de tapetes e carpetes que estão sendo trocados no prédio principal do Senado.

Com a substituição — autorizada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, criador do prédio — serão gastos R\$ 244.316,00, pagos a sete empresas que dividem o trabalho de raspagem, recomposição do contrapiso e reforma do teto.

Os operários já receberam ordem de apressar a colocação do novo piso e do revestimento das paredes, e concluir os serviços até a próxima semana, antes do reinício das atividades do Legislativo.

Preocupado com as críticas sobre obras no Congresso, o diretor-geral do Senado, Agaciel Maia, mandou fotografar partes do carpete e do revestimento das paredes, manchados e gastos pelo tempo, para mostrar que as despesas não podiam ser adiadas.

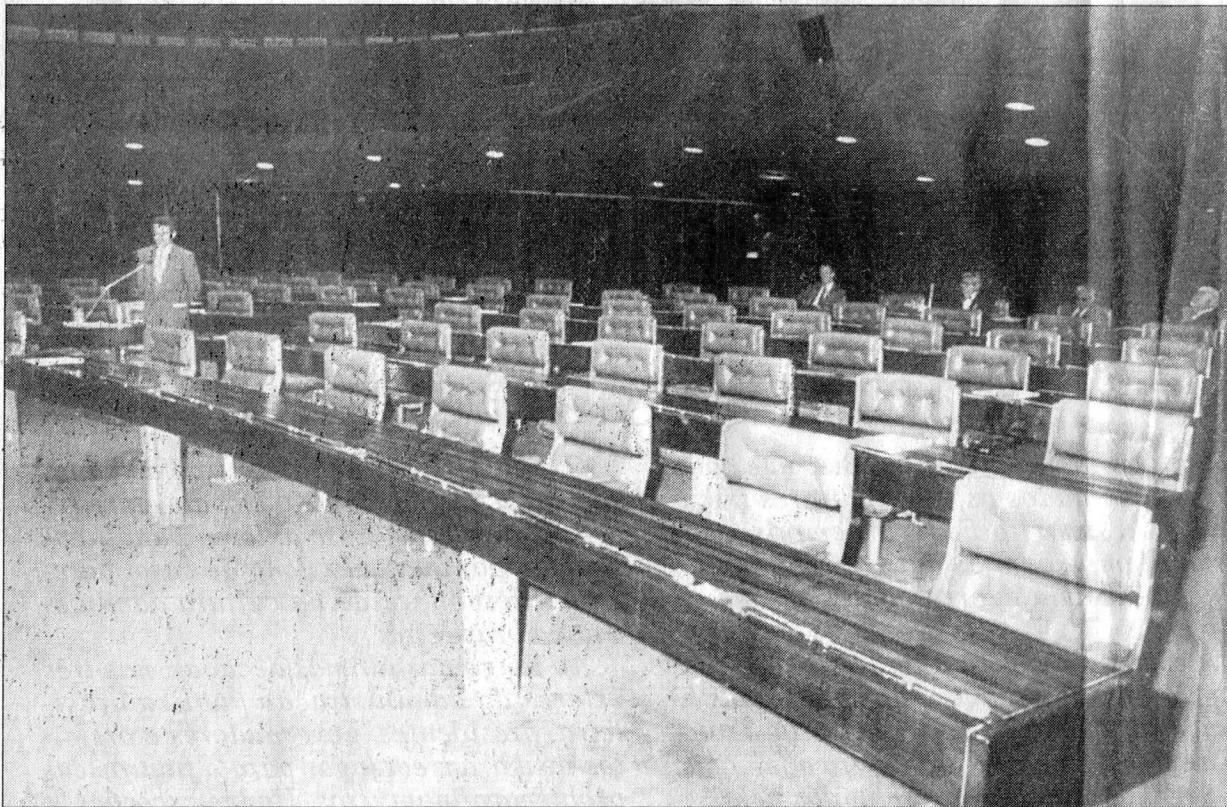
“Trata-se de conservar o patrimônio”, justificou. “Senão o teto pode cair na cabeça de alguém”.

**Azul** — Niemeyer manteve o azul-marinho do carpete que contorna o plenário e a presidência da Casa, na ala que limita os territórios do Senado e da Câmara, esta com tapete verde escuro.

O corredor que conduz à maior parte dos gabinetes, apelidado de *Túnel do Tempo*, continuará com as paredes e o chão revestidos de carpete da cor bege.

Segundo Agaciel, a reação da imprensa tem desestimulado a realização de obras essenciais. É o caso da

Carlos Moura



*Será trocado o carpete que contorna o plenário e o gabinete da presidência do Senado, na ala principal do edifício*

armação de concreto dos 28 andares do anexo principal, para corrigir um erro de construção.

Na pressa de concluir os prédios da Câmara e do Senado, antes da inauguração de 21 de abril de 1960, os operários não retiraram a madeira utilizada na construção.

“A estrutura é cheia de caixas de madeira”, revelou o diretor.

**Incêndio** — Ele informou que o Corpo de Bombeiros já advertiu os dirigentes do Senado para os riscos de incêndio.

“Fomos avisados de que, nesses casos, o intervalo entre a fagulha e o início do incêndio é de dois minutos, e não cinco, como em construções de concreto”, alertou.

As obras demoraram cinco anos.

O Senado pretende fazer o mesmo, mas, de acordo com o diretor-geral, ainda não foi avaliado o preço das obras: “Se a gente fizer a correção, a imprensa vai dizer que estamos gastando muito”.

“Se deixarmos como está e houver um incêndio, os jornais vão dizer que não cuidamos direito do patrimônio público”, criticou.